

BULLYING: COMO LIDAR COM O DESRESPEITO ENSINANDO ANÁLISE DE DISCURSO

Eder Vales Mendes da Silva

RESUMO

Os problemas gerados pelo bullying e o desrespeito têm impacto direto no âmbito educacional e cada vez mais proliferam-se no mundo. Muitos especialistas já pensaram em meios de acabar ou, pelo menos, minimizar os condicionamentos do bullying. Embasando-se em alguns deles, pretende-se, neste artigo, propor outra maneira de lidar com essa problemática, a qual aprofundar-se-á no estudo do discurso, peça fundamental nas engrenagens geradoras do bullying.

Palavras-chave: Bullying, desrespeito, cultura e discurso.

INTRODUÇÃO

O desrespeito e o bullying são algo frequente em sala de aula. Várias formas de acabar com essas práticas já foram elaboradas, mas obter êxito com elas ou com quaisquer outras ainda a serem pensadas é um grande desafio. Pensando nisso veio à proposta desse artigo uma maneira de ensinar ou dar palestras em escolas sobre análise de discurso, trabalhando paralelamente com um discurso diferente do que permeia a maioria das escolas (o da propagação de uma cultura desrespeitosa) com aulas-show.

As aulas incluiriam data-show, para mostrar vídeos com casos de bullying bem como a fundamentação teórica de especialistas no assunto, e o que em inglês chamamos de *brainstorm* – ferramenta útil para envolvermos as experiências do público, uma vez que aqui eles irão relatar opiniões sobre os acontecimentos envolvendo bullying que já presenciaram e opinar sobre. Na sequência, o palestrante retoma o embasamento teórico para abranger o que daquilo que foi falado pelo público mais faz sentido com as teorias dos especialistas, explicando minuciosamente as engrenagens que direta ou

indiretamente causam o bullying, derivadas de outras maiores – a cultura e os discursos. Esse discurso diferente iniciado e propiciado para sua difusão entre todos nas escolas ajudaria muito na reversão desse quadro perverso que está vigente, pois desvelaria os porquês de tantos desentendimentos entre as pessoas, as situações que causam esses desentendimentos e a compreensão de que todos podem ser vítimas dos discursos, da história, das significações, entre outros.

Vamos conceituar, ainda que de forma mais ampla e menos profunda, os aspectos que envolvem o bullying, pois a amplitude desse tema vai desde o que está em evidência (os casos mais concretos, como agressões) até os casos mais abstratos (que envolvem a pressão psicológica). Traremos exemplos, dicas de reflexões e questões que ajudarão a fazer entender as engrenagens de situações calamitosas.

FILIAÇÕES TEÓRICAS

Para Orlandi (0000:15), tendo em vista que, ao longo da história, as gramáticas e a maneira de se estudar a língua têm algo peculiar ao serem estudadas por pessoas de diferentes épocas, emergiu interesse em muitos estudiosos pela linguagem de uma maneira particular, que é a que deu origem à análise do discurso. Logo, inferimos que o discurso pode estar atrelado a diferentes pessoas, em diferentes épocas, as quais reproduzem a ideologia de sua época através de discursos que, por sua vez, se materializa através da língua. Desse modo, é trabalhada a relação língua-discurso-ideologia. Aqui há uma idéia de movimento, assim como a palavra discurso que, etimologicamente, carrega idéia de curso, percurso, correr por, de movimento. Através do discurso podemos observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos para os sujeitos.

Orlandi (0000:19), explica que os estudos discursivos abrangem tanto a língua como estrutura quanto como acontecimento e não se separa forma e conteúdo. “Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história”, o enunciador como sujeito está “nadando” em rios de discursos que o concebe. O sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Mesmo sem percebermos, tudo o que dizemos ou ouvimos já tem uma carga de sentidos, sobre os quais é difícil dizer como se constituíram, e que, no entanto, significam em nós e para nós. A partir desse apontamento, Orlandi (0000:20), diz que, se a Análise do Discurso é herdeira de três regiões de conhecimentos – psicanálise, linguística, marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso.

A análise do discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.) produz sentidos, como ele está carregado de várias possíveis formas de interpretação, as quais nos refletem e refletem os outros, numa relação intrínseca. Um exemplo usado pela autora foi o caso de uma grande faixa preta, na época de eleições, no campus universitário, a qual tinha o seguinte enunciado em largas letras brancas: “Vote sem medo”, seguido de uma explicação sobre o fato de que os votos não seriam identificados. Por meio desse exemplo, pôde dissecar possíveis efeitos de sentido produzidos pelas cores usadas, entre outros, explicitando como tal objeto simbólico, intencionalmente ou não, pode produzir sentidos diversos. Logo, percebemos que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas.

Segundo Orlandi (0000:39), o discurso não se sustenta sozinho, ele precisa apontar para outros que não o sustentam. Na relação de força temos os níveis hierárquicos de quem fala com dinâmicas diferentes: a fala daqueles que estão, por exemplo, na profissão de professor, tem um efeito diferente do que teria a fala de um aluno. A fala daquele vale (significa) mais do que a fala deste.

Os sentidos do que é dito não estão em si, mas são estabelecidos através das posições ideológicas, entendidas no processo sócio-histórico, no contexto de produção das palavras. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Orlandi (0000:45), explica que toda vez que procuramos sentidos tentamos entender e interpretar um objeto simbólico, atesta-se a presença da ideologia.

Quando pensamos em como empregamos nossas ideologias diante de um objeto simbólico, temos de ter em mente que há uma relação necessária entre linguagem e mundo. Entre estes há uma equivalência de sentidos, já que por meio da daquela tentamos significar este que, por sua vez, já tem os significados, logo, não conseguimos extraí-los por completo, uma vez que há interferência de ideologia. Ela é que nos dá condição para a constituição do sujeito e dos sentidos – “O indivíduo é interpelado em

sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Ao falar estamos o tempo todo produzindo sentidos por meio do simbólico. Todavia, temos de ter consciência de que os sentidos podem ser obstruídos pela falta de bagagem do receptor. Em outras palavras, temos a condição básica da linguagem, que é a incompletude – “Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento”. Logo, se por um lado temos de preencher os sentidos, por outro não o fazemos se não por meio da nossa bagagem de vida com influência das nossas crenças, ideologias.

Todo enunciado é linguisticamente descritível e dá lugar a uma série de interpretações. Ele é sujeito de ser/tornar-se outro, isso pelo fato de que as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua. Um indivíduo ao falar, escrever, narrar, descrever, produz um texto que, por sua vez, é originado de um discurso. Esse texto diz muito sobre quem o produziu, ele é uma dispersão do sujeito e está relacionado com sua ideologia, e o discurso, por princípio, não se fecha, dando espaço para que novos textos o acompanham. Nas palavras de Orlandi (2000:80), as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

Para Fernandes (2007:08), é imprescindível as noções de polifonia, heterogeneidade e identidade como objeto de reflexão, pois são necessárias para compreender o que é chamado sujeito discursivo. Este é constituído em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado, o qual não está em condição homogênea e sim heterogênea e é constituído por um conjunto de diferentes vozes.

ANÁLISE

Possivelmente, o público alvo não terá muito conhecimento a respeito da análise de discurso, mas, certamente, a respeito dos conceitos teóricos sobre bullying em breve citados da autora Marie-Nathalie Beaudoin, sim. Por esse motivo deixou-se por último este tema, logo após o início da análise ainda com o tema do discurso.

Reiteramos que a proposta desse artigo é viabilizar uma maneira de minimizar os condicionamentos que causam o bullying: uma palestra na qual o palestrante dá aulas-show com auxílio de power point, trabalhando alguns conceitos de especialistas no assunto junto com a participação do público. Esse feito vem seguido de um esforço para que se difunda um discurso diferente do que permeia o âmbito educacional (o da propagação de uma cultura desrespeitosa). A princípio o palestrante poderia dizer que o discurso, pertencente da Análise do Discurso, não é a língua, o texto, a fala, mas precisa de tais elementos para que haja uma existência material (o que veste os conceitos que Suassure chama de parole). Logo, o discurso implica uma exterioridade à língua, ele está no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística (a presença de aspectos sociais e ideológicos nas palavras, quando elas são pronunciadas. Fernandes (2007:13), exemplifica essas considerações com o emprego dos substantivos ocupação e invasão. Quando pessoas favoráveis ao movimento sem terra, sejam elas integrantes do movimento ou não, são interpeladas para designar qual ação foi cometida para possibilitar o uso da terra, de modo geral elas usam a palavra ocupação, a qual traz discursos antagônicos aos emanados da palavra invasão, geralmente usada por pessoas contrárias ao movimento. No tocante a esse assunto, Fernandes (idem), faz sua ponderação quando diz que – “As escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema”. Desse modo, os sentidos são produzidos de acordo com status social das pessoas. Um exemplo de Fernandes (2007:15), com a palavra terra, onde a mesma tem vários sentidos para pessoas Sem-Terra, fazendeiros integrantes da UDR (União Democrática Ruralista) e outras variedades de sentidos que estão na Bíblia e outras produzidas por indígenas, explicita a diversidade de sentidos pertencentes a (e/ou) decorrentes de diferentes discursos. A análise destina-se a evidenciar os sentidos do discurso, considerando a posição social e ideológica do indivíduo na história.

No ato da fala, as produções de sentidos se dão de acordo com o ethos e o pathos dos sujeitos, suas formações ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico. No exemplo supracitado, cada grupo inserido em um lugar sócio-histórico-ideológico, ao falar sobre a palavra terra, integra um discurso e não outro. O discurso, segundo Fernandes (2007:16), encontra-se na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas lingüísticas para chegar a ele. É preciso

sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas, ou seja, para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso, objeto a ser focalizado para a análise. Logo, são postas em jogo as diferenças sociais, as quais estão constantemente permeadas de ideologias que coexistem, abrindo espaço para conflitos discursivos. Para Fernandes (2007:17), a ideologia não é apenas imprescindível para a noção de discurso como também inerente a ele. Não importa para onde a materialidade linguística direciona, os sentidos estão entrelaçados entre o que é dito com a inscrição ideológica do sujeito, daí os conflitos, as contradições, pois o indivíduo se mostra ao falar e produz sentidos que não podem ser controlados por si só. Nas palavras de Fernandes (2007:18), “A noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica da enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia, logo, envolve os sujeitos em interlocução. De acordo com a posição dos sujeitos envolvidos, a enunciação tem um sentido e não outro(s), conforme exemplificamos referindo-nos ao emprego de invasão e ocupação em discursos em torno do Sem-terra”. O sentido vem por meio do efeito de sentido entre A e B, é o efeito da parole na langue.

O lugar histórico-social no qual A e B enunciam determinado discurso envolve o contexto, esse movimento chamamos de condição de produção do discurso. Trata-se do que está no inconsciente, do que está guardado nos saberes que constituem um objeto imaginário sociológico que envolve: história, memória, interdiscursos, ideologia, e poder.

Os conceitos de dialogismo e polifonia foram desenvolvidos com o texto literário como objeto de estudo, inicialmente. Esses conceitos se expandiram aos discursos cotidianos e integram a existência das pessoas no mundo. O estudo do romance de Dostoiévski foi fundamental para a compreensão e a explicitação da natureza heterogênea constitutiva da linguagem e dos sujeitos. O sujeito e o discurso são compostos da interação social estabelecida com diferentes seguimentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo, o que nos leva, com Bakhtin, à constatação de que o sujeito é polifônico. O sujeito não é o centro do dizer nem exerce o controle dos sentidos do que fala, pois no interior do sujeito reside a exterioridade (em seu discurso estão outras vozes compostas por seres sócio-histórico-ideológicos). Fernandes (2007:30), diz que esse viés psicanalítico revela um olhar sobre o inconsciente, sempre em atuação por meio da

linguagem, e que o inconsciente, conforme expôs Freud, são manifestações de natureza psíquica do/no sujeito, que fogem ao âmbito de sua consciência, que não se manifestam de acordo com sua vontade, mas afloram nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos, etc. Às vezes escapam palavras no ato da enunciação que dão sentidos diferentes da intenção do sujeito, em outros casos acontece de alguém exclamar – nossa, falei demais! – isso acontece quando se dá espaço à manifestação do desejo. Pêcheux (1997b, p. 173) também reflete acerca do descentramento do sujeito e da afirmação de que o sujeito não é o centro do seu dizer, quando discorre sobre dois tipos de esquecimentos do sujeito. O esquecimento número 2 refere-se à ilusão que o sujeito tem de controlar o que diz, de ser a fonte, a origem do seu dizer; já pelo esquecimento de número 1, o sujeito tem a ilusão de controlar os sentidos de seus dizeres.

Encerra-se aqui a parte da proposição com o tema análise de discurso conscientes de que o palestrante pode lançar mão de outras abordagens, pertencentes ou não desse artigo, para palestrar. A segunda parte para compor a apresentação vem a seguir.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE DISCURSO

Outro item para compor a apresentação seria A História da Rã de Beaudoin (2007:21), a qual ajuda a entendermos como nossa cultura interfere na hora de tomarmos uma decisão em determinada situação. Para ser breve, essa é uma estória de uma rã que tomou toda a água dos rios e oceanos, fazendo com que a população sofresse pela falta da água. Várias pessoas foram questionadas para saber qual seriam suas atitudes. Segundo fontes de pesquisa, há o relato de que na América do Norte a solução tomada pela maioria das pessoas envolveria agressão e ação individual, diferente do que fariam indivíduos das Ilhas do Pacífico Sul. Estes indivíduos tentariam resolver o problema de forma pacífica e até divertida ao organizarem uma festa e tentarem, um por um, fazer a Rã rir e soltar toda a água novamente.

Segundo Beaudoin (2007:24), o filtro cultural no qual estamos presos nos limita a apenas tomar como solução poucas possibilidades de ação, porém as possibilidades existentes são inúmeras e acessíveis através do acesso às diferentes culturas. O exemplo que a autora usa é comum nas escolas - Antônio, aluno da 4ª série, com todos os atributos que o coloca em situação de vantagem física e uma cultura que o induz a ter

um comportamento agressivo, não enxerga outras possibilidades de ação para usar, quando envolvido em uma encrenca. Todas as opções pacíficas sugeridas a ele são bloqueadas devido aos discursos que permeiam sua cultura, o chamado bloqueio contextual. Esse bloqueio contextual está sob diversas culturas que o retém.

Baudoin (2007:27), aponta as culturas frequentes na escola e o efeito de seus discursos, que tem impacto direto no convívio em sala de aula. Essas culturas são: Patriarcado, Individualismo, Capitalismo, Adultismo e o Racismo/Homofobia/Sexismo.

Sabe-se que tudo em excesso não é bom. A autora diz que, possivelmente, os temas extraídos das culturas dominante tais como a competição, as regras, as conquistas, a avaliação, a recompensa e a punição e as hierarquias de poder (discursos) não induzem ao problema dos bloqueios contextuais se não por conta do seu uso em excesso. “Na verdade, enquanto algumas pessoas talvez trabalhem bem dentro das nuances dessas estruturas, muitas sentem-se pressionadas e vivem essas estruturas como bloqueios (ou pressões) contextuais, os quais limitam opções e identidades.” Alguns alunos afetados por uma condição desfavorável disponibilizada por esse sistema restrito acabam não se encaixando nos moldes e sofrendo pressão e bullying, assim como, também, sendo os co-autores do bullying que praticam com os demais.

O sistema educacional da América do Norte, o qual enfatiza a competição entre os alunos, é criticado por Beaudoin (2007:30), ao expor as consequências desse método. – “Os alunos concentram em si mesmos e não na comunidade”, “Os alunos sentem que o fim justifica os meios”, “Compartilhar e cooperar com os outros são opções que se tornam menos atrativas”, “Aumenta a probabilidade de conflitos e de comentários mordazes”, “Cresce o desinteresse e o aborrecimento com as atividades menos intensas, não-competitivas”, “Nos alunos, a percepção do eu é movida pela conquista de status ou pelo ganho material, pelas preferências, pelos valores e pela motivação/satisfação intrínsecas”, “A crítica e a avaliação de si mesmos e dos outros infiltram-se em suas experiências”, “A falta de vínculos distorce a interação com os outros, que são vistos como competidores”. As consequências da competição atingem direta e indiretamente os alunos que lutam para deixar de se envolver com o desrespeito e o bullying, assim como diz a autora, “A competição é um convite a problemas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grandes causadores do bullying e do desrespeito são as culturas e os discursos que as compõem. As culturas mais frequentes no âmbito educacional são: Patriarcado, Individualismo, Capitalismo, Adultismo e o Racismo/Homofobia/Sexismo. Os discursos derivados dessas culturas desencadeiam uma série de problemas e, muitas vezes, os envolvidos não sabem como lidar com eles. Acredito que o feito de se aprofundar um pouco mais no estudo da análise de discurso pode ser de grande valia para lidar com o bullying e o desrespeito, pois, como vimos, o discurso é peça fundamental para o condicionamento destes ele que fomenta o aprisionamento do indivíduo, quando preso em uma cultura que inviabiliza tomada de decisões pacíficas ou o liberta da possibilidade de tomar uma atitude errada, quando tem acesso a uma variedade mais ampla de discursos e culturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. Bullying e Desrespeito: Como Acabar Com Essa Cultura Na Escola 1 ed./ 2007

FERNANDES, Claudemar Alves. Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias 2. Ed./2007

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos 10 ed./2012

